

---

## ENSINO DE HISTÓRIA E MUNDOS DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: PRÁTICAS E REFLEXÕES NO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIFAP

---

TEACHING HISTORY AND WORLDS OF WORK IN HIGHER EDUCATION:  
PRACTICES AND REFLECTIONS IN THE HISTORY COURSE AT UNIFAP

ENSEÑANZA DE LA HISTORIA Y MUNDOS DEL TRABAJO EN LA EDUCACIÓN  
SUPERIOR: PRÁCTICAS Y REFLEXIONES EN EL CURSO DE HISTORIA DE LA  
UNIFAP

Higor Pereira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9280-5900>  
<http://lattes.cnpq.br/4641319074425121>

**RESUMO:** Este artigo resulta de reflexões desenvolvidas durante o período em que o autor atuou como professor substituto no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá (Unifap). O foco recai sobre a experiência na disciplina optativa História Social do Trabalho, ministrada em três semestres consecutivos, entre 2023 e 2024. Com o objetivo de fomentar a formação de novos pesquisadores na área, foram promovidos debates historiográficos e atividades práticas voltadas à elaboração de pré-projetos de pesquisa pelos estudantes, os quais constituem o principal objeto de análise deste trabalho. A partir dessa experiência, identificou-se o potencial da História Social do Trabalho no contexto amapaense, evidenciado pelo interesse dos graduandos em refletir criticamente sobre as experiências de homens e mulheres comuns, trabalhadores e trabalhadoras, e suas múltiplas formas de luta pela sobrevivência, com ênfase na realidade da Amazônia amapaense.

**Palavras-Chave:** História social do trabalho; Unifap; Ensino de História; Experiência docente; Ensino Superior.

**ABSTRACT:** This article presents reflections developed during the period in which the author served as a substitute professor in the History Teaching undergraduate program at the Federal University of Amapá (Unifap). It focuses on the experience of teaching the elective course Social History of Labor, offered over three consecutive semesters between 2023 and 2024. With the aim of fostering the training of new researchers in the field, the course promoted historiographical debates and practical activities focused on developing students' research pre-projects, which are the main object of analysis in this study. Based on

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal do Amapá, Brasil. Professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, campus Conceição do Araguaia, Brasil. E-mail: [higor.pereira@ifpa.edu.br](mailto:higor.pereira@ifpa.edu.br).

this experience, the study highlights the potential of Social History of Labor within the context of Amapá, as evidenced by students' interest in critically reflecting on the experiences of ordinary men and women, workers, and their diverse strategies for survival, with particular emphasis on the Amazon region of Amapá.

**Keywords:** Labor History; Unifap; History Teaching; Teaching Experience; Higher Education.

**RESUMEN:** Este artículo presenta reflexiones desarrolladas durante el período en que el autor se actuó como profesor sustituto en el curso de Licenciatura en Historia de la Universidad Federal de Amapá (Unifap). El enfoque recae en la experiencia con la asignatura optativa Historia Social del Trabajo, ofrecida durante tres semestres consecutivos, entre 2023 y 2024. Con el objetivo de fomentar la formación de nuevos investigadores en el área, se promovieron debates historiográficos y actividades prácticas centradas en la elaboración de preproyectos de investigación por parte de los estudiantes, los cuales constituyen el principal objeto de análisis de este artículo. A partir de esta experiencia, se identificó el potencial de la Historia Social del Trabajo en el contexto amapaense, evidenciado por el interés de los estudiantes en reflexionar críticamente sobre las experiencias de hombres y mujeres comunes, trabajadores y trabajadoras, y sus diversas formas de lucha por la supervivencia, con énfasis en la realidad amazónica de Amapá.

**Palabras clave:** Historia Social del Trabajo; Unifap; Enseñanza de La Historia; Experiencia Docente; Educación Superior.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de reflexões desenvolvidas durante o período em que o autor atuou como professor substituto no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá (Unifap), campus Marco Zero do Equador (Macapá), entre os anos de 2023 e 2024. Ao longo de três semestres letivos, foi ofertada a disciplina optativa História Social do Trabalho, por meio da qual os discentes foram introduzidos à historiografia clássica e contemporânea desse campo de estudos. Além disso, tiveram contato com fontes documentais, especialmente processos judiciais disponíveis no acervo do Fórum da Comarca de Macapá. Como atividade final, os estudantes elaboraram pré-projetos de pesquisa voltados à história dos trabalhadores e das trabalhadoras, que são o objeto de análise central do presente texto.

O artigo está organizado em duas partes: na primeira, discute-se o recente dinamismo da História Social do Trabalho (HST) no Amapá, com ênfase em sua consolidação na historiografia local, nos principais marcos institucionais envolvidos nesse processo e na estruturação da já referida disciplina optativa. Na segunda parte, são analisados os trabalhos finais apresentados pelos discentes, a partir de gráficos e do seu conteúdo, destacando-se os interesses de pesquisa, objetos de estudo, abordagens adotadas, limitações enfrentadas e potenciais. Com essas atividades, buscou-se estimular o engajamento de novos(as) pesquisadores(as) no campo da História Social do Trabalho, partindo-se da premissa de que é durante a formação inicial, no âmbito da graduação, que os(as) historiadores(as) tendem a manifestar preferências por determinadas áreas de investigação histórica. Esse objetivo, acredita-se, foi alcançado, e novos estudos sobre as experiências de vida e luta de trabalhadores e trabalhadoras já têm sido realizados.

### **A História social do trabalho e o curso de História da Unifap**

A História Social do Trabalho constitui, atualmente, o campo de estudos mais profícuo no Amapá. Como será discutido adiante, seu crescimento pode ser relacionado a alguns marcos institucionais e acadêmicos que indicam sua consolidação como o mais produtivo e promissor, especialmente no âmbito da Unifap. Antes de abordar esses marcos, contudo, é fundamental destacar parte da produção desenvolvida ao longo das primeiras décadas do século XXI, a qual estabeleceu as bases e impulsionou os caminhos para sua consolidação recente.

Dentre os estudos mais significativos, destaca-se a tese de doutorado de Sidney da Silva Lobato (2013), intitulada *A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964)*, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 2013. Essa tese constitui um inventário das experiências de luta pela sobrevivência de trabalhadores e trabalhadoras pobres que, no contexto de uma política de modernização da cidade amazônica — iniciada com o desmembramento do Amapá do Pará, em 1943 e com a transformação de Macapá na capital do novo Território Federal, em 1944 —, organizaram uma série de táticas baseadas, sobretudo, na solidariedade horizontal para garantir sua subsistência. Lobato demonstrou que havia claros contrastes entre os intentos saneadores e moralizantes do governo territorial e da Igreja Católica com as formas de organização da vida

social dos trabalhadores, menos suscetíveis às imposições dos novos modos de viver, morar, comer e rezar advindas da classe dominante.

Já a dissertação de mestrado de Paulo Marcelo Cambraia da Costa (2007), *Na ilharga da Fortaleza, logo ali na beira, lá tem o regatão: os significados dos regatões na vida do Amapá – 1945 a 1970*, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 2007, explora outros aspectos das dicotomias entre a política governamental modernizante – traduzida ali na construção de estradas como o principal caminho para o desenvolvimento — e um modo de vida assentado nos caminhos fluviais. O regatão é descrito não apenas como um meio de comércio, mas como parte essencial da experiência de uma população cuja existência era moldada pelos rios.

O projeto da mineradora Icomi (Indústria e Comércio de Minérios S/A) ensejou, por seu caráter emblemático, diversos estudos em que os trabalhadores são alçados ao status de protagonistas. Nesse atinente, destaca-se a dissertação de mestrado de Adalberto Júnior Ferreira Paz (2011), *Os mineiros da floresta: sociedade e trabalho em uma fronteira de mineração industrial amazônica (1943-1964)*, defendida na Unicamp em 2011. Nesse estudo, o autor também coloca em xeque as políticas governamentais modernizantes com a realidade de trabalhadores amazônicos. Estes, cuja experiência estava centrada no extrativismo, tiveram seus modos de vida modificados na medida em que passaram de “caboclos” a operários da primeira experiência de exploração mineral da região, entre as décadas de 1940 e 1960.

Embora não sejam os únicos, os três estudos destacados tiveram papel decisivo na consolidação da historiografia do trabalho amapaense. Seus autores, ao ingressarem como docentes no curso de História da Unifap, passaram a fomentar a História Social do Trabalho por meio de projetos de pesquisa e da criação de um laboratório dedicado à área. A atuação desses pesquisadores foi, portanto, fundamental para a expansão desse campo de estudos no período mais recente, algo que aprofundaremos nas linhas que se seguem.

Atualmente, o curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá está estruturado em cinco linhas de pesquisa, a partir das quais os docentes desenvolvem seus projetos, organizam as atividades dos laboratórios sob sua coordenação e orientam os discentes na iniciação científica e na elaboração de trabalhos de conclusão de curso. Entre essas linhas, destaca-se a de “História Social do Trabalho”, que, conforme disposto no Projeto Pedagógico de Curso (PPC), tem como foco principal:

as experiências dos trabalhadores, vividas em diferentes contextos econômicos, políticos, sociais e culturais. Nesse sentido, analisa temas como: relações de classe,

movimentos sociais no campo e na cidade, trajetórias individuais (biografias), migrações, vivências familiares e afetivas, lazer e sociabilidades comunitárias e identidades de classe, gênero ou “raça.” Para tanto, coteja e analisa fontes variadas: cartas, jornais, censos, iconografias, entrevistas, processos judiciais, dentre outras. Considera importante, também, as abordagens que superem as tradicionais dicotomias do discurso historiográfico, do tipo: “trabalho livre e escravo,” “rural e urbano,” “nacional e global” (Universidade Federal do Amapá, 2017, p. 47).

Essa linha de pesquisa foi incorporada à estrutura curricular do curso na reformulação do PPC realizada em 2017, reunindo docentes comprometidos com a promoção de investigações voltadas ao universo dos trabalhadores e das trabalhadoras, com especial enfoque na região amazônica e, particularmente, no estado do Amapá. Diversas outras iniciativas contribuíram para o fortalecimento desse campo de estudos na Unifap, dentre as quais se destacam: a criação do Laboratório de Estudos da História Social do Trabalho na Amazônia (Lehstam/Unifap), originado como projeto de pesquisa em 2016 e institucionalizado como estrutura permanente da universidade em 2019, sob coordenação do professor Sidney da Silva Lobato; a introdução, na matriz curricular do curso de graduação, da disciplina optativa "História Social do Trabalho" (com carga horária de 60 horas), também inserida no contexto da reformulação do PPC de 2017; e a implantação do Programa de Pós-Graduação em História (nível mestrado), que contempla a linha de pesquisa em História Social do Trabalho, em 2019.

O Laboratório de Estudos da História Social do Trabalho na Amazônia iniciou suas atividades em 2016, com o propósito central de contribuir para a formação de novos pesquisadores na área. Ao longo de quase uma década, tem desenvolvido uma variedade de ações voltadas para a pesquisa, o ensino e a extensão universitária. Entre essas iniciativas, destaca-se o seminário anual, realizado desde 2020, que oferece aos discentes e demais membros do laboratório um espaço para a apresentação e discussão de pesquisas em andamento.

O Lehstam também marca presença em simpósios temáticos organizados no âmbito da Unifap e em eventos acadêmicos promovidos por outras instituições. Além disso, promove periodicamente a publicação de coletâneas com textos produzidos por seus pesquisadores. Um exemplo expressivo desse esforço é o livro *Igreja e trabalhadores na Amazônia setentrional* (Lobato, 2019), que reúne seis capítulos dedicados à análise das complexas relações entre a Igreja Católica e os trabalhadores amapaenses, com foco na atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da Juventude Operária Católica (JOC), da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Dando continuidade a esse

trabalho coletivo, está previsto para breve o lançamento da coletânea *Guia dos arquivos amazônicos – vol. 1* (Lobato, 2025), resultado das investigações recentes do laboratório voltadas à identificação e divulgação de acervos documentais públicos e privados da região, com potencial para subsidiar pesquisas sobre a história da classe trabalhadora na Amazônia.

Com o Lehstam como *locus* de formação de novos pesquisadores, a HST no Amapá tem crescido consistentemente. Os estudos mais recentes sobre os mundos do trabalho desenvolvidos no estado têm contemplado uma ampla diversidade de abordagens, temas, recortes cronológicos e tipos de fontes documentais. Essa produção ganhou novo fôlego com a implantação do Mestrado Acadêmico em História da Universidade Federal do Amapá, em 2019, estruturado em duas linhas de pesquisa: *Poder, Memórias e Representações e História Social do Trabalho*.

Nesse Programa, foram defendidas, entre 2022 e 2024, oito dissertações especificamente na linha de História Social do Trabalho. Num período de três anos, portanto, ampliou-se significativamente o número de trabalhos acadêmicos de nível pós-graduado sobre esse campo de estudos no Amapá. Um aspecto recorrente entre esses trabalhos — e já presente nas investigações anteriores — é a ênfase no Amapá durante o século XX, explicada, em parte, pela maior disponibilidade de fontes documentais no período posterior ao desmembramento do Pará, ocorrido em 1943.

Entre as dissertações defendidas no âmbito da linha, destacam-se: *Modernização e condições de labuta na Amazônia setentrional: força de trabalho, acidentes e doenças tropicais na gênese de um projeto de extração mineral no Amapá (1948–1956)*, de Marlos Matos (2022); *O chão do conflito: Estado ditatorial, grandes projetos e campesinato na Amazônia amapaense (1978–1985)*, de Higor Pereira (2022); *Mulheres de vida livre: prostituição e mundos do trabalho na Amazônia setentrional (1964–1980)*, de Amanda Silva (2023); e *Nos meandros da família: casamentos, transgressões e sobrevivência cotidiana no Grão-Pará (1750–1798)*, de Hugo Aguiar (2023).

Esses trabalhos evidenciam uma pluralidade temática e metodológica, assim como um uso variado de fontes. Marlos Matos mobiliza relatórios de saúde e fichas de funcionários para discutir saúde e acidentes de trabalho; Higor Pereira utiliza correspondências, relatórios governamentais e artigos de jornais para investigar os conflitos no campo; Amanda Silva recorre a processos criminais e inquéritos policiais para analisar a prostituição; e Hugo Aguiar explora documentos do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e outros acervos coloniais para examinar dinâmicas familiares no período colonial. Essa produção reflete a vitalidade e o

potencial analítico da História Social do Trabalho no Amapá. Mas, ainda há muito o que ser investigado e utilizar o curso de graduação como incubadora de novas pesquisas é essencial para o crescimento e consolidação desse campo de estudos – potencial que será melhor analisado mais à frente no presente texto.

No que se refere à disciplina optativa História Social do Trabalho, incluída na matriz curricular da graduação, sua ementa contempla os seguintes eixos: “História e historiografia sobre os mundos do trabalho. A História Social inglesa e sua influência na produção historiográfica brasileira. Culturas e experiências dos trabalhadores em diferentes períodos históricos. Especificidades do mundo do trabalho na Amazônia e no Amapá” (Universidade Federal do Amapá, 2017, p. 83). A proposta curricular busca articular referenciais teóricos e metodológicos da historiografia social do trabalho com os contextos históricos e sociais da região amazônica. No entanto, observa-se que as bibliografias básica e complementar sugeridas priorizam autores clássicos, como Thompson (1988, 1998), Hobsbawm (1988) e Linebaugh (1983), cujas obras, embora não abordem as experiências de trabalhadores amazônicos, são a base para pensarmos a formação desse campo de estudos e, por isso, fundamentais na composição da disciplina.

No período de janeiro de 2023 a julho de 2024, correspondente aos semestres letivos 2022.2, 2023.1 e 2023.2, o autor do presente artigo atuou como professor substituto no curso de Licenciatura em História da Unifap, ministrando, entre outros componentes curriculares, a disciplina optativa História Social do Trabalho. No plano de ensino elaborado, além da inclusão de textos clássicos já mencionados, buscou-se incorporar artigos, dissertações, teses e livros que refletissem a diversidade de temas, abordagens teóricas e metodológicas, bem como a variedade de temporalidades e espacialidades exploradas por esse campo de estudos ao longo de sua consolidação. Deu-se prioridade, nesse processo de seleção, para textos disponíveis na *Internet*, de modo a democratizar o acesso aos e às discentes.

Desde a primeira oferta da disciplina, a estrutura curricular foi organizada em quatro eixos temáticos, a saber: 1) “Quem são os(as) trabalhadores(as)?”; 2) “Mundos do trabalho no campo”; 3) “Trabalho, cotidiano e superexploração de trabalhadores(as)”; e 4) “Lutas sociais de trabalhadores(as)”. No interior desses eixos, foram discutidos temas como: a conceituação e a ampliação do conceito de classe; trabalho doméstico; escravidão; doenças e acidentes de trabalho; prostituição; fome e formas degradantes de trabalho; resistência camponesa; sindicalismo e associativismo; as atuações dos movimentos indígena e estudantil, entre outros. Pretendeu-se, com essa estruturação, dar conta das recentes ampliações pelas quais o

campo vem passando, incluindo-se categorias de trabalhadores(as) antes desconsiderados(as), tais como o trabalho doméstico e reprodutivo de mulheres e as experiências de vida e luta de camponeses<sup>2</sup>.

Na seleção da bibliografia, houve certa predileção por artigos publicados na Revista *Mundos do Trabalho*, cuja importância para esse campo de estudos no Brasil é inegável, uma vez que ela concentra os mais recentes trabalhos de especialistas de todo o país, além da publicação de traduções de textos clássicos de autores estrangeiros. Entre os artigos utilizados dessa revista, estão *Espaço, redes e formação de classe, de Mike Savage (2011)*, *Além da polêmica do provedor: mulheres, trabalho e história do trabalho, de Chitra Joshi (2009)*, *História do trabalho: o velho, o novo e o global, de Marcel van der Liden (2009)* e *Jornadas da fome: a rotina degradante dos trabalhadores-cassacos nas obras públicas durante as secas (Ceará, anos 1950), de Lara de Castro (2020)*.

As escolhas relacionadas à organização da disciplina e à seleção da bibliografia não foram arbitrárias. Buscou-se evidenciar aos discentes que a História Social do Trabalho constitui um campo amplo e diverso, tanto em termos temáticos quanto metodológicos. Almejou-se, igualmente, fomentar a compreensão de que os mundos do trabalho na Amazônia apresentam especificidades que demandam maior atenção por parte da historiografia, dada sua complexidade e singularidade.

Em dossiê organizado por Adalberto Paz e Lara de Castro (2017), publicado na *Revista Mundos do Trabalho*, destaca-se o vigor das pesquisas voltadas ao universo laboral amazônico, com contribuições que abordam temas como o trabalho indígena, a escravidão, os conflitos sociais e o sindicalismo. O meio rural e seus habitantes — camponeses/caboclos, indígenas, ribeirinhos — ocupam lugar de destaque, revelando que o trabalho fabril, realizado pelo operário livre e assalariado, constitui mais uma exceção do que a regra quando se trata do contexto amazônico, embora tenha sido garantido seu lugar no dossiê a partir da experiência amazonense.

Dessa forma, a ênfase nas lutas camponesas, adotada na organização da disciplina — o que seu deu a partir da inclusão de uma unidade específica —, não foi fortuita. Ainda

---

<sup>2</sup> Neste artigo, optou-se pelo uso do termo *camponeses* para se referir aos sujeitos sociais que ocupam e/ou são proprietários, em geral, de pequenas posses/propriedades, nas quais fundamentalmente se desenvolve uma relação de produção baseada na agricultura familiar, com o fim da garantia da subsistência e, também, da geração de excedentes agrícolas comercializáveis. O camponês, portanto, vende o *fruto de seu trabalho*, diferentemente do trabalhador que, expropriado dos meios de produção, precisa vender sua *força de trabalho*. Além disso, o termo *campesinato* faz referência ao movimento das Ligas Camponesas, o que o conforma como conceito político. Para um aprofundamento desse debate, ver: Chaves, 2015.

marginalizados pela historiografia tradicional do trabalho e pouco representados nos acervos documentais, os camponeses e suas experiências de vida e resistência configuram um objeto que necessita ser mais profundamente explorado pela História social do trabalho na Amazônia.

Nesta parte do artigo, evidenciou-se a consolidação da História Social do Trabalho no Amapá como um campo acadêmico robusto e em expansão, apoiado em estudos fundamentais e na estruturação institucional promovida pela e na Unifap. A seguir, serão analisados os trabalhos finais produzidos pelos alunos da disciplina optativa História Social do Trabalho, entre 2023 e 2024, cuja qualidade e diversidade indicam as perspectivas promissoras e o contínuo desenvolvimento desse campo de estudos no Amapá.

### **Novas perspectivas para a História dos mundos do trabalho no Amapá: as propostas de pesquisa dos(as) discentes**

Com a proposta de estimular, no curso de Licenciatura em História, o interesse dos graduandos pela História Social do Trabalho, o autor desenvolveu, entre 2023 e 2024, uma atividade voltada à formação teórica e à iniciação científica dos estudantes. Essa atuação teve dois focos principais: apresentar os debates historiográficos fundamentais — tanto clássicos quanto contemporâneos — da área, e incentivar a elaboração de pré-projetos de pesquisa alinhados aos interesses individuais dos discentes, mas inseridos nesse campo temático. A seguir, serão examinados os resultados desse trabalho, com especial atenção à produção dos alunos como indicativo das possibilidades futuras da História Social do Trabalho na Unifap.

Durante três semestres letivos consecutivos, a disciplina optativa História Social do Trabalho foi ministrada para turmas distintas nos períodos 2022.2, 2023.1 e 2023.2. Ao todo, 61 estudantes se matricularam, sendo que 39 concluíram integralmente o componente. A avaliação final consistiu na entrega de um pré-projeto de pesquisa contendo os seguintes elementos: delimitação temática e do objeto de estudo; justificativa e relevância; objetivos geral e específicos; metodologia proposta; levantamento de fontes e referências bibliográficas; e cronograma preliminar de execução.

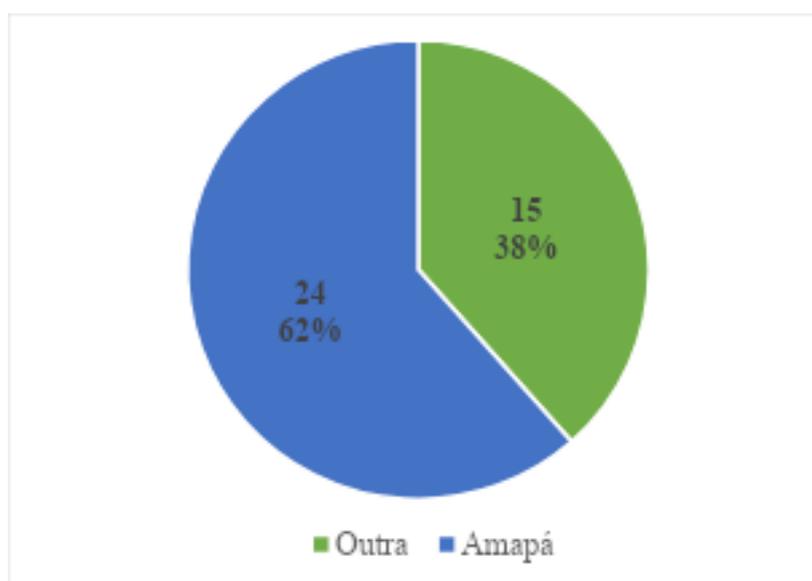
Com relação aos temas escolhidos, houve grande diversidade: conflitos no campo, saúde mental de trabalhadores, revoltas populares, sindicalismo, cotidiano, acidentes de trabalho, resistência camponesa, prostituição, historiografia do trabalho, escravidão, trabalho infantil, dentre outros. O interesse por esses temas, em geral, surgiu a partir dos debates dos

textos ao longo das aulas. Foi o caso, por exemplo, de Eduardo Cordeiro, que decidiu investigar a exploração do trabalho na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré após a discussão da dissertação de Ana Carolina Monteiro Paiva (2020), *Trabalho e cotidiano na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1919)*.

Uma parte significativa dos alunos não conseguiu articular de forma consistente os debates historiográficos na delimitação temática, apresentando, em alguns casos, um “estado da arte” insuficiente e fundamentado em poucos autores, apesar das orientações fornecidas em sentido contrário. Tal limitação, contudo, é compreensível, considerando que a disciplina foi ofertada a turmas em fase inicial da graduação, ainda em processo de amadurecimento acadêmico, sendo essa sua primeira experiência na elaboração de projetos de pesquisa.

Com relação ao recorte espacial, a análise dos pré-projetos revela uma predominância do Amapá como locus de investigação, conforme pode-se verificar no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Localização do objeto de pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor.

Essa ênfase no Amapá como local privilegiado nas propostas de pesquisa se justifica, em primeiro lugar, pelo fato de o curso estar sediado nesse estado, cuja historiografia ainda é incipiente quando comparada à de outras regiões do país, o que enseja o desenvolvimento de novos estudos. No entanto, 15 discentes (38% do total) propuseram investigações com recortes espaciais distintos. É o caso de trabalhos como: *O massacre de Eldorado dos Carajás: conflitos agrários de uma perspectiva de luta de classes*, de Izane Costa; *A inserção*

*capitalista e a exploração do trabalho na construção da Ferrovia Madeira-Mamoré nos séculos XIX e XX*, de Eduardo Cordeiro; *Neoliberalismo e a exploração: uma análise dos “Empates” dos Trabalhadores do Acre contra o Capitalismo Selvagem (1970–1985)*, de Ramiro Queiroz; e *Seringal caboclo: as famílias ribeirinhas e suas relações de trabalho na extração do látex no interior do município de Breves–PA, de 1940 a 1970*, de Evandro Machado.

O que une essas propostas é o fato de que, embora não tenham o Amapá como lócus de investigação, mantêm o foco na região amazônica. Outro dado relevante é a centralidade atribuída às lutas de camponeses e trabalhadores rurais, inseridos em contextos de disputas pela terra — como nos casos de Eldorado dos Carajás e dos seringais acreanos — ou de exploração do trabalho, como na extração do látex em Breves, no Pará.

Foram poucos os trabalhos que abordaram outras regiões do Brasil ou mesmo outros países. Entre as exceções, destacam-se: *Colapso: o impacto da crise econômica de 1929 na saúde mental dos trabalhadores nos Estados Unidos*, de Lohanne dos Santos, que propôs uma pesquisa sobre a saúde mental de trabalhadores norte-americanos no contexto da Grande Depressão, com base em artigos de jornais da época; e *As mulheres no mercado de trabalho nos Estados Unidos*, de Milla Adrielli Tenório, que, por meio de revisão bibliográfica, propôs estudar a inserção das mulheres no mercado de trabalho norte-americano no período entre guerras.

Das 39 propostas de pesquisa analisadas, 11 (equivalentes a 28,21% do total) abordaram relações de gênero, com ênfase na história das mulheres. As demais 28 propostas (71,79%) enfocaram experiências masculinas e não fazem referência explícita a debates de gênero. Entre os trabalhos que se dedicam à discussão de gênero, destaca-se a proposta da discente Alana Lohay, intitulada *Resistindo aos apagamentos: reflexões acerca da invisibilidade da atuação de mulheres amazônidas no período ditatorial (1964–1985)*, que propõe analisar o papel das mulheres em movimentos de resistência à ditadura na Amazônia, utilizando como principais fontes artigos de revistas e jornais, relatórios das comissões estaduais da verdade e entrevistas de história oral.

Outros exemplos de pré-projetos que conferem centralidade às experiências femininas são as de Aline Coutinho e Yasmim Figueiredo, intitulados *O rio das possibilidades: a história das sementeiras do Rio Araguari* e *“As mestras por ofício” mulheres indígenas, relações de trabalho e a Companhia de Jesus na Ilha Grande de Joanes (1655-1783)*, respectivamente. A primeira proposta, por meio da metodologia da história oral, busca

investigar as relações de trabalho e de gênero de mulheres ribeirinhas que atuam com artesanato ao longo do Rio Araguari, no Amapá. A segunda – a única dentre as 39 que enfoca o período colonial – investiga as relações de trabalho e de gênero estabelecidas entre mulheres indígenas e missionários jesuítas, a partir de documentos presentes no acervo do Projeto Resgate, do Arquivo Histórico Ultramarino.

Embora a maioria dos pré-projetos que discutem relações de gênero focalize as experiências femininas, há uma proposta que, em sentido diverso, propõe uma análise centrada na construção das masculinidades. A discente Hérika Dantas apresentou o trabalho *Masculinidades de papel: significados do masculino em documentos do Arquivo do Tribunal de Justiça do Amapá (1964–1985)*, cujo objetivo é compreender como os papéis sociais relacionados às ideias de “masculino” e de “ser homem” aparecem em processos criminais — muitos deles associados a casos de violência contra a mulher e alegações de defesa da honra.

A adesão de quase um terço das propostas de pesquisa às discussões de gênero relaciona-se, por um lado, à escassez de uma produção historiográfica no Amapá que se concentre nas experiências femininas. Essa lacuna é percebida com maior intensidade pelas alunas, que se sentem desprestigiadas e, por isso, motivadas a romper com uma tradição historiográfica marcada por perspectivas masculinistas. Além disso, o interesse recente pela história das mulheres também reflete a ampliação desse debate nos cursos de História em todo o Brasil nas últimas décadas — tendência da qual o Amapá não é exceção. No PPC de 2017 do curso de História da Unifap, foram incluídas as disciplinas optativas *História das Mulheres* e *História das Relações de Gênero e Ensino de História, Relações de Gênero e Sexualidade*, que vêm sendo ministradas pela professora Júlia Monnerat Barbosa, contribuindo para o crescimento da demanda e do interesse pela temática no curso.

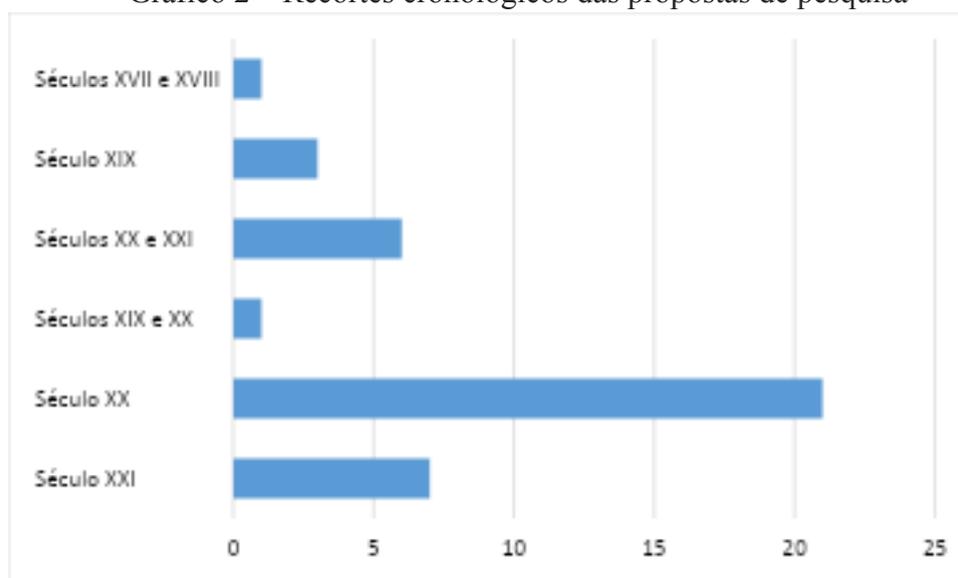
No componente História Social do Trabalho, foram discutidos textos de autores e autoras preocupados(as) com a interseccionalidade entre gênero e classe, algo que provocou intensos debates sobre os papéis sociais e as experiências de homens e mulheres nos mundos do trabalho. Destaca-se, nesse atinente, o já mencionado texto da historiadora indiana Chitra Joshi (2009), que aborda, dentre outras coisas, a forma como o trabalho feminino na Índia tornou-se catalizador para crises de masculinidade relacionadas a ideia do “homem provedor”. Esse texto era discutido junto ao capítulo *Senhoras das casas e das ruas: o cotidiano das trabalhadoras*, da tese *A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964)*, de Sidney Lobato (2013), que analisa o universo

laboral de mulheres pobres e os sentidos e significados de ser mulher em Macapá, no contexto de urbanização pós-criação do Território Federal do Amapá.

Outro texto debatido foi a dissertação de Amanda Cristina Souza da Silva (2023), *Mulheres de vida livre: prostituição e mundos do trabalho na Amazônia setentrional (1964-1980)*. Ao se propor a analisar o cotidiano de prostitutas – mulheres extremamente marginalizadas no imaginário social e no discurso político e religioso –, a autora gerou grande influência entre as discentes da disciplina, o que se faz notar pelas propostas de pesquisa que focalizaram a temática da prostituição. Foram os casos de Ana Raiol e Lena Nogueira, que apresentaram as propostas: *A prostituição forçada das “mulheres de conforto”* e *Prostituição na encruzilhada da pandemia: impactos sociais, econômicos e de saúde durante a covid-19 no Norte do Brasil*, respectivamente.

Com relação aos recortes temporais, observou-se uma predominância significativa do século XX. Dos 39 trabalhos analisados, 21 concentram-se especificamente nesse período, e outros 7 abrangem intervalos que vão do século XIX ao XX ou do XX ao XXI, totalizando 71,79% do conjunto. Essa tendência pode ser explicada, em parte, pela já mencionada disponibilidade — ainda que limitada — de acervos documentais acessíveis para pesquisas com esse recorte. Nesse sentido, durante as aulas, os estudantes realizaram visitas ao Arquivo do Fórum da Comarca de Macapá, onde puderam conhecer o acervo e consultar processos judiciais que abrangem os séculos XIX e XX no Amapá. O gráfico a seguir apresenta os dados referentes aos recortes cronológicos escolhidos pelos discentes:

Gráfico 2 – Recortes cronológicos das propostas de pesquisa

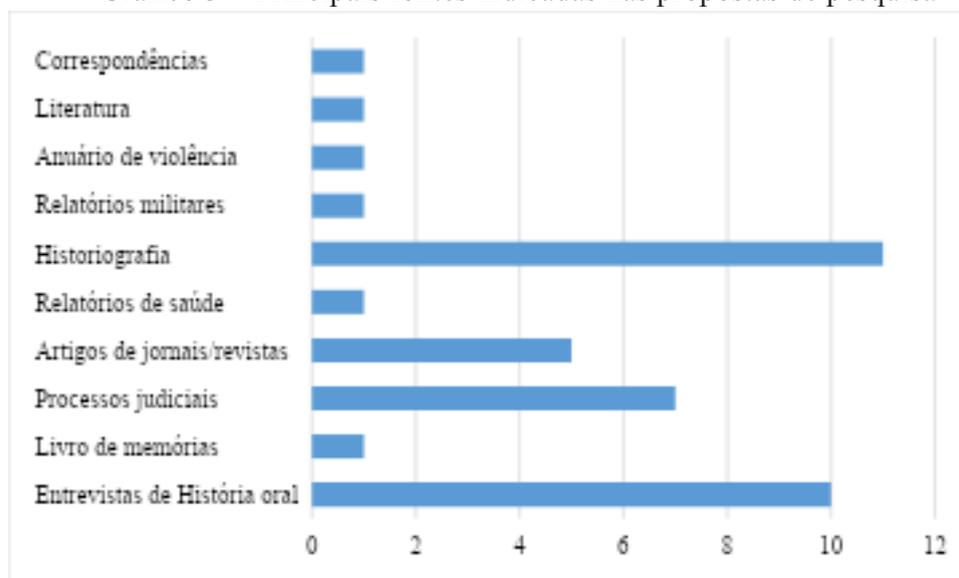


Fonte: elaborado pelo autor.

Outro fator que deve ser considerado é a possibilidade da realização de entrevistas de história oral com sujeitos que vivenciaram os processos históricos que os discentes desejam estudar, algo impraticável para quem quer se aventurar por tempos mais longínquos. Isso explica, também, por que 7 propostas têm como baliza o século XXI, além da já mencionada ênfase ao século XX. O período colonial foi escolhido por apenas uma discente, enquanto outros três optaram pelo XIX.

As informações do gráfico 2 somam-se às do gráfico 3 (a seguir) e reforçam o argumento de que a proximidade temporal com a possibilidade da realização de entrevistas de história oral contribuiu para as escolhas dos recortes cronológicos. Dos 39 projetos, 10 elegeram as fontes orais como principal ou mesmo única fonte de pesquisa:

Gráfico 3 – Principais fontes indicadas nas propostas de pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor.

Para a construção de um projeto de pesquisa em História, o contato com fontes documentais é imprescindível, pois permite avaliar as possibilidades analíticas que essas fontes oferecem. Nesse contexto, observa-se uma ênfase significativa no uso da historiografia como fonte de pesquisa nas propostas dos alunos. Tal escolha decorre, em grande medida, das dificuldades ainda enfrentadas pelos pesquisadores para acessar documentos no Amapá — estado que não dispõe de um arquivo público.

Com o intuito de mitigar esse problema, foi estabelecido contato com os responsáveis pelo setor de arquivos do Fórum da Comarca de Macapá, os quais demonstraram grande

receptividade à proposta de organizar visitas técnicas dos discentes ao seu espaço de trabalho. Nessas visitas, os estudantes tiveram a oportunidade de consultar processos judiciais que remontam ao século XIX. Como desdobramento e contrapartida dessa experiência, vários deles passaram a atuar como estagiários voluntários no setor, onde ainda hoje desenvolvem atividades de organização, catalogação e descrição de processos cíveis e criminais.

Essa atividade de visita técnica ao acervo do Fórum exerceu forte influência nos estudantes. Sete deles escolheram as fontes do judiciário como lócus de seus projetos. Foram os casos de Raimundo Neto, Yasmim Costa e Lucas Pereira, com as propostas intituladas, respectivamente, *Possibilidades para História Social do Trabalho de arquivos judiciais, Arquivos do judiciário amapaense e suas potencialidades para a pesquisa histórica e Cotidiano dos trabalhadores autônomos na década de 40 em Macapá*. Os dois primeiros atuam, desde a disciplina, como estagiários no arquivo do Fórum.

Entre as propostas que se debruçam sobre a historiografia como fonte de pesquisa, destaca-se o trabalho de Willyam Santos, *Balanço da historiografia social do trabalho no Amapá: analisando dissertações e teses (2007-2022)*, que tem como objetivo examinar as dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas entre 2007 e 2022, nas quais os trabalhadores aparecem como sujeitos centrais da análise. Conforme observa-se no gráfico 3, também figuram com certo destaque em cinco propostas os artigos de periódicos. Foram os casos de Natália Abreu, que pretendia analisar a *Revista Icomi Notícias* para investigar as relações de gênero no âmbito do projeto da mineradora Icomi, e do já mencionado trabalho de Evandro Machado a respeito da exploração do látex nos seringais de Breves, no Pará.

De modo geral e com base na análise das propostas de pesquisa apresentadas pelos discentes da disciplina História Social do Trabalho, é possível afirmar que a experiência alcançou resultados promissores ao fomentar o interesse pela História dos mundos do trabalho. A diversidade temática revelada nos pré-projetos — que vão desde conflitos agrários e sindicalismo até questões de gênero, prostituição e saúde mental — indica não apenas a capacidade dos(as) estudantes em articular diferentes objetos de investigação ao campo da História Social do Trabalho, mas também seu engajamento com debates contemporâneos e socialmente relevantes. Essa pluralidade de temas foi, em grande parte, estimulada pelos textos discutidos em aula, demonstrando o impacto direto da formação teórica no desenvolvimento das propostas. Mas, não se pode ignorar que as experiências individuais dos discentes também contribuíram fortemente em suas escolhas, haja vista que todos são filhos

de trabalhadores e alguns deles estão inseridos nos mundos do trabalho, formal ou informal, desde muito cedo.

Ainda que muitas propostas apresentem limitações metodológicas e teóricas esperadas para estudantes em início de formação, o exercício de construção de projetos permitiu avanços importantes na compreensão dos fundamentos da pesquisa histórica. A centralidade do Amapá como recorte espacial reafirma a urgência e a pertinência de investir na produção de uma historiografia local comprometida com a chamada “História vista de baixo”. Ao mesmo tempo, a escolha por outras regiões amazônicas — como Acre, Pará e Rondônia — revela uma percepção ampliada da realidade regional, em que os mundos do trabalho são compreendidos como fenômenos interligados, historicamente situados e socialmente complexos.

Outro aspecto que merece destaque é o protagonismo das discussões de gênero em quase um terço das propostas, especialmente no que se refere à visibilidade das experiências femininas nos mundos do trabalho. Esse interesse crescente reflete a ampliação das abordagens interseccionais no campo historiográfico e a incorporação de novos referenciais teóricos. A presença de propostas voltadas à história das mulheres, à construção das masculinidades e à atuação feminina na resistência política evidencia um desejo de romper com narrativas tradicionais e masculinizadas, lançando luz sobre sujeitos historicamente marginalizados, especialmente pelas alunas.

A utilização de fontes diversas — como entrevistas de história oral, documentos judiciais e artigos de periódicos — demonstra uma preocupação metodológica em expansão, ainda que muitos estudantes tenham recorrido majoritariamente à bibliografia. A aproximação com o acervo do Fórum da Comarca de Macapá foi uma estratégia pedagógica importante para reduzir as barreiras estruturais que dificultam o acesso às fontes no Amapá. Como resultado, alguns discentes iniciaram experiências de estágio que reforçam o vínculo entre ensino, pesquisa e extensão.

Em síntese, as atividades realizadas pelo autor, entre 2023 e 2024, como professor substituto do curso de História da Unifap, evidenciaram o potencial da disciplina História Social do Trabalho como espaço de formação de novos pesquisadores nesse campo de estudos. A partir das propostas analisadas, pode-se concluir que há um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas inovadoras e socialmente comprometidas no Amapá, desde que sejam oferecidas condições institucionais e pedagógicas adequadas para o amadurecimento dos projetos. O engajamento dos(as) discentes e a variedade dos temas propostos são

indicativos claros de que novas perspectivas estão se abrindo para a História dos mundos do trabalho na Amazônia e o estado do Amapá pode ser protagonista desse processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em texto publicado em 2016, a historiadora Silvia Petersen afirma que o ato de repensar “é uma prática que deve ser permanente e comum a todos os historiadores, seja qual for seu campo de interesse” e completa: “Sem isso, o conhecimento histórico seria como na historiografia tradicional, algo estabelecido de uma vez para sempre, ao contrário de uma permanente construção que tem por objetivo ampliar nosso entendimento da matéria histórica através de novas perguntas e pesquisas” (Petersen, 2016, p. 14).

Petersen, portanto, convoca os(as) historiadores(as) a adotarem uma postura marcada pela revisão constante de seus referenciais, interpretações e escolhas temáticas. Tal atitude, em nosso entendimento, deve orientar também o trabalho docente na formação inicial de professores-historiadores. No contexto da disciplina História Social do Trabalho, tal orientação ganha força por ter uma abordagem que se propõe a olhar para a História a partir das experiências de trabalhadores e trabalhadoras — sujeitos frequentemente silenciados ou invisibilizados pelas narrativas tradicionais.

Ao destacar as trajetórias de pessoas comuns, a História Social do Trabalho permite romper com perspectivas elitistas e centradas em grandes personagens e instituições, abrindo espaço para narrativas mais plurais, situadas e sensíveis às desigualdades sociais, de gênero, de raça, entre outras. Essa abordagem é particularmente potente quando aplicada ao estudo da região amazônica, marcada por experiências históricas singulares, que desafiam as interpretações mais consolidadas da História do Brasil.

Revisitar textos clássicos com estudantes em formação, articulando-os às produções historiográficas mais recentes, constitui um exercício formativo essencial. Ao promover esse movimento de vaivém entre diferentes gerações de historiadores e diferentes paradigmas interpretativos, é possível fomentar uma compreensão mais complexa da disciplina histórica e estimular a formulação de novas perguntas.

A experiência aqui analisada, desenvolvida ao longo de três semestres da disciplina na Universidade Federal do Amapá, evidencia o potencial desse percurso. A análise dos 39 pré-projetos de pesquisa, construídos por discentes que concluíram a disciplina, revelou tanto o interesse por temas vinculados à História Social do Trabalho quanto a disposição para

pensar a Amazônia como objeto de investigação e problematização. As propostas, ainda que heterogêneas em termos de maturidade teórica e metodológica, apontam para um esforço coletivo de construção de uma historiografia regional crítica, conectada aos debates nacionais e internacionais, mas sensível às especificidades locais.

Desse modo, a disciplina não apenas contribuiu para ampliar os horizontes dos(as) estudantes em formação, como também reafirmou a importância de espaços curriculares que incentivem a pesquisa, a reflexão crítica e o engajamento com as histórias das gentes comuns. Aqui, aceitamos o convite de Petersen para repensar constantemente o fazer histórico, pois cremos que, assim, fortaleceremos a formação de novos professores e pesquisadores comprometidos com uma História viva, em permanente construção e capaz de dialogar com as contradições do tempo presente.

#### **Lista dos pré-projetos entregues pelos(as) discentes**

1. “As mestras por ofício”: mulheres indígenas, relações de trabalho e a Companhia de Jesus na Ilha Grande de Joanes (1655-1783) (Yasmim da Silva Figueiredo)
2. A exploração de trabalhadores quilombolas e indígenas da Amazônia Legal em seus territórios por parte de grupos de interesse (André Freitas)
3. A inserção capitalista e exploração do trabalho na construção da ferrovia Madeira-Mamoré no século XIX e XX (Eduardo Cordeiro)
4. A mulher no projeto Icomi: uma análise crítica (Natália Abreu)
5. A organização sindical amapaense e os seus desafios (Amapá, 1952-1964) (Marcos Trajano)
6. A prostituição forçada das “mulheres de conforto” (Ana Raiol)
7. Além da Icomi: acidentes de trabalho e os tipos de trabalho no Território Federal do Amapá (1940-1950) (Caio Uchôa)
8. Arquivos do judiciário amapaense e suas potencialidades para a pesquisa histórica (Yasmim Costa)
9. As mulheres no mercado de trabalho nos Estados Unidos (Milla Adrielli)
10. Balanço da historiografia social do trabalho no Amapá: analisando dissertações e teses (2007-2022) (Willyam Santos)
11. Caminhoneiros no Amapá: uma classe isolada (Rodrigo Albuquerque)
12. Colapso: o impacto da crise econômica de 1929 na saúde mental dos trabalhadores nos Estados Unidos (Lohanne Valdomira Barbosa dos Santos)

13. Colônia agrícola do Matapi: cotidiano, trabalho, saúde, migração e imigração no Território Federal do Amapá (1944-1961) (Ruthilene Bezerra)
14. Comparativismo histórico, uma comparação entre a revolução cabana e a revolução mexicana nas perspectivas e anseios populares (Rafael Aleluia)
15. Cotidiano dos trabalhadores autônomos na década de 40 em Macapá (Lucas Queiroz Pereira)
16. Curandeirismo no Amapá: uma análise das práticas e percepções locais (*Bruno da Silva Barbosa*)
17. Da escravidão à liberdade: uma breve investigação da transição dos escravizados em Macapá durante os anos finais da escravidão (1883-1884) (Rafaelle Furtado Campos)
18. Educação ribeirinha no Amapá: desafios e perspectivas dentro da formação docente (Gabrielly Cordeiro)
19. Espaços femininos na arte de partejar e lavagem de roupas (Pietra Costa)
20. Masculinidades de papel: significados do masculino em documentos do arquivo do Tribunal de Justiça do Amapá (1964-1985) (Hérika Dantas)
21. Mercados de rua: a formação das feiras na beirada da BR 210 na cidade de Macapá (Weverson Rodrigues)
22. Neoliberalismo e a exploração: uma análise dos “empates” dos trabalhadores do Acre contra o capitalismo selvagem (1970-1985) (Ramiro Queiroz)
23. O cotidiano dos trabalhadores da Icomi em Vila Amazonas (Camilly Naomi)
24. O impacto social e psicológico da implementação da hidrelétrica Ferreira Gomes na comunidade de Ferreira Gomes (2013/2016) (Gabriel Ilitch Santos Serra Barbosa)
25. O massacre de Eldorado dos Carajás: conflitos agrários de uma perspectiva de luta de classes (1996-2012) (Izane Costa)
26. O patriarcado como ferramenta para a marginalização das mulheres no mercado de trabalho e sua relação com a violência doméstica (Júlyya Malcher)
27. O rio das possibilidades: a história das sementeiras do Rio Araguari, Jari-AP (Aline Coutinho)
28. O trabalho das crianças indígenas e negras na Amazônia imperial (Camilli Coelho)
29. Os impactos da rotina de trabalho na saúde mental dos funcionários da Icomi em Serra do Navio no Amapá (1983-1984) (Lorena Morais)
30. Possibilidades para História Social do Trabalho de arquivos judiciais (Raimundo Neto)

31. Prostituição na encruzilhada da pandemia: impactos sociais, econômicos e de saúde durante a covid-19 no norte do Brasil (Lena Raíra Maciel Nogueira)
32. Reconstruindo identidades: a construção social do papel da mulher e os caminhos para a emancipação feminina (Flávia Palheta)
33. Resistência e o conflito de terras: o caso da família Magave e a luta de classes (1994) (Cecília Lima)
34. Resistindo aos apagamentos: reflexões acerca da invisibilidade da atuação de mulheres amazônidas no período ditatorial (1964-1985) (Alana Lohay)
35. Riscos e descaso: uma análise da segurança dos trabalhadores na indústria da cerâmica de tijolos (Izabele Batista)
36. Seringal caboclo: as famílias ribeirinhas e suas relações de trabalho na extração do látex no interior do município de Breves-PA de 1940 a 1970 (Evandro Machado)
37. Soldados da borracha e exploração – projeto varguista de ocupação da Amazônia durante a década de 1940 (Beatriz Barros)
38. Tecendo o passado: trabalho infantil e representações da infância negra no Brasil pós-abolição (Ester Brito)
39. Trabalho infantil no ex-Território Federal do Amapá de 1944 a 1955 (Caíque Tenório Farias)

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Lara de. Jornadas da fome: a rotina degradante dos trabalhadores-cassacos nas obras públicas durante as secas (Ceará, anos 1950). **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 12, p. 1-24, 2020.

CHAVES, Patrícia Rocha. **Rebeldia e barbárie**: conflitos socioterritoriais na região do Bico do Papagaio. Tese (doutorado em Geografia Humana). São Paulo: USP, 2015.

COSTA, Paulo Marcelo Cambraia da. **Na ilhargá da Fortaleza, logo ali na Beira, lá tem o regatão**: os significados dos regatões na vida do Amapá-1945 a 1970. Dissertação (mestrado em História). São Paulo: PUC/SP, 2007.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre história operária. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JOSHI, Chitra. Além da polêmica do provedor: mulheres, trabalho e história do trabalho. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 147-170, 2009.

LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeçeram. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, n. 6, p. 7-46, set. 1983.

LOBATO, Sidney (org.). **Guia dos arquivos amazônicos v. 1**. Belém: Paka-Tatu, 2025.

LOBATO, Sidney (org.). **Igreja e trabalhadores na Amazônia setentrional**. Rio Branco: Nepan, 2019.

LOBATO, Sidney da Silva. **A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964)**. Tese (doutorado em História). São Paulo: USP, 2013.

MATOS, Marlos Vinícius Gama de. **Modernização e condições de labuta na Amazônia setentrional: força de trabalho, acidentes e doenças tropicais na gênese de um projeto de extração mineral no Amapá (1948-1956)**. Dissertação (mestrado em História). Macapá: Unifap, 2022.

PAIVA, Ana Carolina Monteiro. **Trabalho e cotidiano na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1919)**. Dissertação (mestrado em História). João Pessoa: UFPB, 2020.

PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. **Os mineiros da floresta: sociedade e trabalho em uma fronteira de mineração industrial amazônica (1943-1964)**. 2011. Dissertação (mestrado em História). Campinas: Unicamp, 2011.

PAZ, Adalberto; CASTRO, Lara de. Trabalho e trabalhadores na história da Amazônia. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 5–9, 2017.

PEREIRA, Higor Railan de Jesus. **O chão do conflito: estado ditatorial, grandes projetos e campesinato na Amazônia amapaense (1978-1985)**. Dissertação (mestrado em História). Macapá: Unifap, 2022.

PETERSEN, Sílvia. Repensar a história do trabalho. **Espaço Plural**, v. 17, n. 34, p. 13-36, 2016.

AGUIAR, Hugo Matheus Rocha. **Nos meandros da família: casamentos, transgressões e sobrevivência cotidiana no Grão-Pará (1750-1798)**. Dissertação (mestrado em História). Macapá: Unifap, 2023.

SAVAGE, Mike. Espaço, redes e formação de classe. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 6–33, 2011.

SILVA, Amanda Cristina Souza da. **Mulheres de vida livre: prostituição e mundos do trabalho na Amazônia setentrional (1964-1980)**. Dissertação (mestrado em História), Macapá: Unifap, 2023.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História**. Macapá: UNIFAP, 2017. Disponível em: <https://www2.unifap.br/historia/files/2018/04/PPC-Licenciatura-2017.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.

VAN DER LINDEN, Marcel. História do trabalho: o velho, o novo e o global. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 11-26, 2009.